

resenha bibliográfica/book review

Flávio Saes

Professor Aposentado da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP

BARBOSA, Agnaldo de Sousa. *Empresariado Fabril e Desenvolvimento Econômico: Empreendedores, Ideologia e Capital na Indústria do Calçado (Franca, 1920-1990)*. São Paulo: Editora Hucitec/Fapesp, 2006

A industrialização brasileira foi um dos objetos preferenciais de nossas ciências humanas durante algumas décadas: sem contar alguns precursores (como Roberto Simonsen, que tratava do tema já nos anos trinta do século XX), desde a década de cinquenta multiplicaram-se os estudos sobre os mais diversos aspectos do crescimento da indústria e da sociedade urbano-industrial. Se *Formação Econômica do Brasil*, de Celso Furtado, publicado em 1959, era a principal referência para as análises econômicas do crescimento da indústria, os aspectos sociais e políticos da industrialização também deram origem a estudos que, ainda nos anos sessenta, se tornaram marcos importantes para a produção posterior¹. Com o estabelecimento dos cursos de pós-graduação, na década de setenta, intensificou-se, por meio da elaboração de dissertações e teses, o conhecimento da industrialização brasileira: inúmeros estudos regionais e setoriais sobre as relações e as condições de trabalho, sobre as características do empresariado industrial, etc. foram produzidos à

¹ Correndo o risco de omitir autores igualmente importantes, lembramos, por exemplo, a produção realizada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP por sociólogos como Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso e José de Souza Martins, apenas para citar alguns nomes.

medida que se instalavam os novos cursos de pós-graduação em ciências sociais, economia e história. Nos meados dos anos oitenta, o interesse por temas relacionados ao processo de industrialização, em especial em seus aspectos históricos, parece ter arrefecido, embora seja difícil definir as razões para tanto: em parte, uma mudança do foco de cada uma das áreas de pesquisa (por exemplo, entre os economistas, temas "urgentes", como inflação, dívida pública e dívida externa, tornaram-se prioritários; entre os historiadores, maior atenção para a história cultural), mas, provavelmente, também por um relativo esgotamento da temática da industrialização.

Nos últimos anos, no entanto, verificamos o surgimento de novas pesquisas que elegem a indústria como seu objeto de estudo. Principalmente pela exploração de fontes diferentes das que embasaram os trabalhos anteriores, tem sido possível revelar novos aspectos e, por vezes, questionar interpretações solidamente estabelecidas em nossa historiografia.

A tese de doutorado de Agnaldo de Souza Barbosa, defendida em 2004 no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP (Araraquara), e publicada em livro em 2006, claramente se insere nessa tendência de rever alguns aspectos do processo de industrialização brasileiro. Seu objeto específico é a indústria do calçado em Franca (SP), de 1920 a 1990. Como se sabe, Franca se tornou, desde os anos sessenta do século XX, um dos principais polos produtores e exportadores de calçados do Brasil. Embora sua história não se confunda com a história da industrialização brasileira, é de inegável interesse conhecer o percurso que levou a indústria francana de calçados a essa condição. A obra de Agnaldo Barbosa nos oferece um registro muito minucioso desse percurso, a partir de pesquisa em fontes das mais diversas: livros de registro comercial, inventários, falências, hipotecas, processos criminais, habilitações de crédito e financiamentos, jornais e revistas. O livro está organizado em duas partes: na primeira, estuda a formação e o desenvolvimento do empresariado e das empresas de calçados em Franca e, na segunda, trata da ideologia e da atuação econômico-política dos industriais. Em ambas, questiona, a partir da evidência levantada, teses assentadas em nossa historiografia, como indicamos a seguir.

Na primeira parte, o estudo da formação do empresariado e da empresa calçadista em Franca conduz o autor a refutar as teses que vinculam

o surgimento e o crescimento das empresas industriais brasileiras à acumulação de capitais na economia cafeeira. Mas o autor é cuidadoso ao formular essa refutação, pois reconhece, no plano mais geral, a relação entre economia cafeeira e industrialização no Brasil. Nas suas palavras, "É certamente inevitável a relação entre os primórdios da industrialização no Brasil e a acumulação de capitais advinda da economia cafeeira" (p. 32). Então, em que sentido a história da indústria do calçado em Franca pode questionar essa relação geral, consolidada na historiografia da industrialização? São de duas ordens os questionamentos centrais apresentados a certos desdobramentos da relação entre café e indústria: primeiro, ao negar que os capitais para a formação da empresa industrial fossem fruto de um "vazamento" da acumulação cafeeira; segundo, que, por ser uma indústria que surge tardiamente (em relação aos processos de industrialização da Europa e dos Estados Unidos), as unidades de produção já deveriam nascer "grandes" (ou seja, como fábricas mecânicas de grande porte para os padrões da época). Com base na evidência empírica levantada nas fontes consultadas, Barbosa nega que esses padrões se tenham verificado no caso da indústria de calçados em Franca, contrapondo-se a autores que anteriormente haviam defendido que o padrão geral (formação do capital a partir de recursos vazados da economia cafeeira e de grandes unidades de produção, já no nascimento da indústria calçadista) também era válido no caso de Franca.

Por que a indústria de calçados de Franca não se ajusta às características usualmente atribuídas às nascentes empresas industriais brasileiras (e, em especial, de São Paulo)?

De um lado, há a própria característica da economia francana anterior ao surgimento da indústria calçadista. Embora também seja, desde fins do século XIX, uma região cafeeira, ali predominou uma propriedade rural de pequena dimensão, especialmente se comparada à vizinha Ribeirão Preto, conhecida pela grande extensão de suas fazendas de café. Desse modo, entende o autor que os excedentes gerados pela lavoura cafeeira não permitiam investimentos significativos em empresas industriais. Na verdade, alguns cafeicultores de maior porte fundaram casas bancárias ou casas comerciais, porém não se verificou a transferência de recursos da cafeicultura para a indústria do calçado.

Por outro lado, essa indústria se caracteriza por uma técnica relativamente simples, em que elementos artesanais, em muitos casos, per-

manecem por longo tempo (por exemplo, a costura manual do solado ou de certas partes do calçado). Mais importante, uma pequena fábrica de calçados pode ser iniciada com reduzido capital e máquinas relativamente rudimentares, desde que seu proprietário, junto com alguns empregados, tenham conhecimento do ofício. Diversamente da indústria têxtil, a mais típica da fase inicial da industrialização brasileira, que depende de máquinas relativamente caras para se tornar competitiva, fábricas de calçados podem ocupar certos nichos de mercado, apesar de utilizarem técnicas basicamente artesanais.

O amplo levantamento feito por Barbosa nos registros comerciais mostra que a maior parte das fábricas de calçados de Franca, formadas entre 1920 e 1940, iniciou suas atividades com reduzido capital e com pequeno número de operários. Das cinco maiores firmas calçadistas de Franca, em 1945, quatro delas (Palermo, Mello, Spessoto e Samello) tiveram sua origem em pequenas fábricas montadas nos anos vinte e trinta, cujos proprietários conheciam o ofício por terem trabalhado previamente em outras fábricas. Apenas uma das cinco maiores - a fábrica Peixe - tivera na origem a presença de um empresário com maiores recursos. Esta fábrica - Peixe - e outra - Jaguar, com curta existência na década de vinte - foram as únicas que utilizaram maquinaria mais complexa em sua fundação. As outras, afirma Barbosa, eram fruto da iniciativa de sapateiros que começavam sua produção em bases praticamente artesanais.

E como se deu a transformação dessa empresa de base artesanal numa indústria mecanizada e de grande porte?

O crescimento e a urbanização da economia brasileira, a partir dos anos trinta, é um primeiro condicionante para a expansão da indústria calçadista em Franca. Barbosa registra o surgimento de 10 novas fábricas na década de 1930; 71 na década de 1940; 59 nos anos cinquenta e 399 na década de 1960 (aumento este provavelmente estimulado, em parte, pela política de incentivo às exportações do governo militar). Evidentemente, a grande maioria dessas empresas era de pequeno porte, com base artesanal, e muitas não conseguiram sobreviver a uma ou outra conjuntura desfavorável do período. Mas essa expansão também permitiu que fábricas com origem em oficinas artesanais ganhassem escala: as quatro empresas indicadas acima, em 1945 empregavam de 50 a 70 trabalhadores, uma delas com capital equivalente, à época, a mais de

US\$60.000 (em valores atuais, pelo menos 10 vezes mais), caracterizando-se, segundo o autor, como manufaturas.

Outro fator favorável à expansão da indústria de calçados em Franca foi o nível relativamente reduzido dos salários prevaletentes no município: estima-se que os salários pagos nas fábricas de calçados da Capital, em 1953, eram 60% mais elevados do que em Franca, diferença que diminuiu para 32% em 1960, mas, ainda assim, expressando significativa vantagem numa indústria intensiva em mão-de-obra.

Resta explicar a origem dos recursos necessários à expansão da indústria e, em especial, à mecanização e ao crescimento da escala de produção. Na ausência de bancos privados que atendessem às necessidades de crédito, os empresários locais recorreram a mecanismos informais: o autor localizou diversos processos em que industriais de calçados faziam acusações de usura a moradores locais. Financiamento estatal expressivo só se verificou após 1967, principalmente por meio do BNDE, dentro da política de incentivo às exportações. No entanto, o salto de uma base tecnológica artesanal ou manufatureira para uma propriamente industrial (ou seja, mecanizada em moldes modernos) contou com um apoio bastante peculiar: a empresa americana produtora de máquinas para calçados - United Shoe Machinery Company - forneceu equipamentos para várias fábricas de calçados francanas por meio de *leasing*, dispensando a imobilização de recursos na aquisição de máquinas. A United Shoe já realizava operações em Franca na década de 1930, mas o vínculo mais expressivo se deu com a Samello: em 1947, o proprietário da empresa permaneceu 45 dias nos Estados Unidos para aprender novas técnicas de confecção de calçados na United Shoe. Em 1949, dois filhos do proprietário foram aos EUA para estudar, por alguns anos, na Lynn Shoemaking School, mantida pela empresa americana. E, em 1956, um projeto da United Shoe orientou a construção da nova fábrica da Samello.

A reconstituição da formação e do desenvolvimento da indústria calçadista em Franca leva o autor a afirmar que ali se verificou a sequência artesanato-manufatura-grande indústria, ressaltando, em particular, a possibilidade de artesãos ou operários sapateiros criarem pequenas fábricas para, ao fim, se tornarem grandes empresários:

Os casos descritos acima comprovam nosso argumento de que na indústria do calçado a possibilidade de ascensão de pequenos empresá-

rios, originários de famílias pobres, à condição de empresários não habita apenas o imaginário mítico elaborado pela ideologia burguesa. Dentre as centenas de empresas criadas em Franca, considerando as de maior ou menor sorte, grande parte teve no ofício manual de seus fundadores o ponto de partida para seu estabelecimento (p. 110).

Se essa é a mensagem fundamental da primeira parte, na segunda o autor se volta para a discussão da ideologia e da atuação econômico-política dos industriais. Aqui também se contrapõe a teses, estabelecidas na literatura brasileira de ciências sociais, que, segundo o autor, afirmam:

(...) as principais características dessa classe [a burguesia industrial] teriam sido o pouco vigor empreendedor, a mentalidade pré-capitalista (com destaque para o seu arraigado patrimonialismo), a deficiência organizativa, a imaturidade ideológica e a fragilidade/passividade política (...) (p. 143).

Ao examinar a ética econômica do empresariado, Barbosa encontra argumentos para refutar a hipótese de pouco vigor empreendedor. Pelo contrário, valendo-se de clássicos da literatura econômica e sociológica, identifica em empresários francanos - especialmente na família Sábio de Mello, proprietária da Samello - claros elementos weberianos (expressos na ausência de extravagância e ostentação) e schumpeterianos (caracterizados pelo espírito inovador). Aliás, contrapõe o caso de Carlos Pacheco de Macedo (um empresário de posses que instalou a primeira fábrica mecanizada em Franca), cuja precoce falência indicaria a ausência desse "espírito weberiano", aos casos de bem-sucedidos industriais, originários do ofício de sapateiro ou antigos operários (até mesmo da fábrica de Macedo). Este caráter weberiano e schumpeteriano ter-se-ia esvaído a partir dos anos sessenta: os financiamentos estatais começaram a mudar o perfil dos novos empresários calçadistas (não mais originários das fileiras do operariado) e mesmo a contaminar os descendentes dos pioneiros da indústria: a busca por benefícios concedidos pelo estado se torna a tônica da ação do empresariado, que também se caracterizaria pela imobilização dos capitais acumulados (principalmente pela compra de terras) e pela exposição de sinais exteriores de riqueza. O autor atribui a essa tendência a redução dos investimentos destinados ao aumento da produtividade na indústria calçadista, uma das

razões, não a única, para um certo declínio das vendas de calçados de Franca, tanto para o exterior quanto para o mercado interno, desde os anos oitenta (p. 130).

Em relação à capacidade de organização e à participação política, a mesma cronologia se repete. Desde 1945, Barbosa identifica intensa participação dos industriais de calçados na política local, curiosamente vinculados majoritariamente à UDN (partido que, no plano nacional, não se identificava com os industriais): um empresário do setor chegou mesmo a ser prefeito da cidade. A Associação do Comércio e Indústria de Franca também se mostrou bastante ativa na defesa dos interesses calçadistas, aliás, em clara articulação com a UDN. Assim, os industriais de Franca tinham noção clara de seus problemas e se empenharam em buscar o reconhecimento de suas demandas pelo Estado, apesar da reduzida representatividade política além do plano local.

Esta postura se modificaria substancialmente após 1964, naquilo que Barbosa define como uma dupla inflexão na trajetória do empresariado calçadista:

Por um lado, esse empresariado deixou de ser um grupo social marginalizado pelo poder e passou a participar de modo gradativo das decisões políticas que afetavam seus interesses. Por outro, de uma postura tradicionalmente 'autônoma', traduzida no empenho em 'abrir caminho com as próprias mãos', esta fração burguesa passou a manifestar crescente dependência em relação à esfera política, perdendo a *aura* liberal que a caracterizou no período anterior. Este último aspecto revela, pois, que o comportamento do empresariado calçadista iria tornar-se cada vez mais parecido com o do conjunto da burguesia industrial brasileira (p. 244).

Esta ascensão política se deu no governo militar: como já indicamos, o interesse em ampliar as exportações levou a grandes concessões (em especial, de financiamentos) à indústria de calçados de Franca; mas isto também permitiu o acesso de representantes do setor à esfera do poder, implicando em considerável apoio ao regime, diversamente do que ocorrera antes de 1964, em que, entende o autor, o empresariado francano se teria mantido numa postura liberal-democrática, não se manifestando contra Goulart (apesar de udenistas) e nem se pronunciando a favor do regime instalado em 1964.

O autor, também aqui, parece acompanhar Weber e Schumpeter, agora em seu desencanto com o desenvolvimento do capitalismo, em que o seu espírito original havia sucumbido à procura de riqueza por razões puramente mundanas (com o "caráter de esporte", dizia Weber) e em que o vigor do inovador fora substituído pelas estruturas burocráticas da grande empresa moderna.

Empresariado fabril e desenvolvimento econômico, de Agnaldo de Sousa Barbosa, é uma importante contribuição para o conhecimento dos múltiplos aspectos da industrialização brasileira. O autor mostra que o padrão de formação e crescimento da indústria de calçados em Franca não se conformou às teses predominantes: não foi uma indústria fundada na transferência direta de recursos da economia cafeeira. Seu início não se deu por meio da instalação de grandes unidades de produção e seu empresariado ter-se-ia caracterizado por razoável capacidade de organização e de mobilização política. O autor sugere que esse padrão pode ter-se repetido em outros ramos industriais, em relação aos quais, pela reduzida pesquisa empírica realizada até agora, se atribuem as características gerais, usualmente observadas na industrialização brasileira. No entanto, e entendo que o autor reconhece, não se trata de uma nova interpretação do processo geral da industrialização brasileira: mesmo no ramo de calçados, antes de Franca se tornar um polo produtor, já existiam grandes empresas na cidade de São Paulo (com centenas de trabalhadores), inclusive uma estrangeira - a Clark - que, certamente, não tivera origem numa oficina artesanal. Do mesmo modo, embora o capital das fábricas de calçados de Franca não tenha origem em transferências diretas da economia cafeeira, é inegável que seu desenvolvimento se insere no processo geral de expansão da economia com centro na produção de café. Trata-se de reconhecer que, no interior daquele processo geral, é possível encontrar substanciais variações que somente podem ser devidamente avaliados por meio do aprofundamento da pesquisa empírica. O caso de Franca é, sem dúvida, um dos caminhos peculiares possíveis para o surgimento e o desenvolvimento de indústrias, o que a obra de Agnaldo de Sousa Barbosa demonstra de forma convincente.